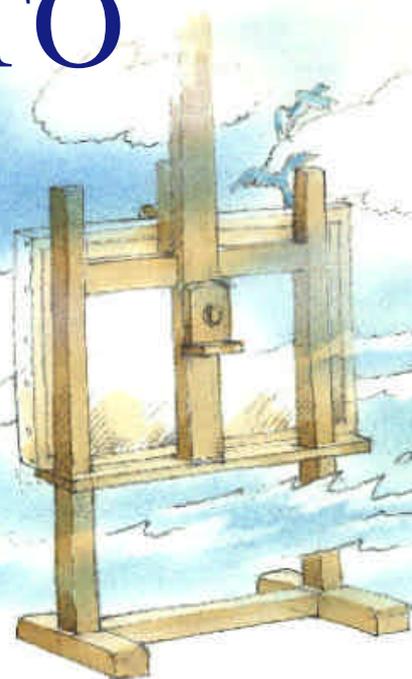


O QUADRO FEITO POR MEDIDA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Um senhor muito rico contratou um pintor muito pobre para lhe pintar um quadro.

– Eu pago-lhe tudo – anunciou o senhor rico. – Pago-lhe as tintas, a tela, os pincéis e pago-lhe o trabalho. Pago-lhe bem. Principescamente! Como nunca ninguém lhe pagou.

O pintor sorriu. Era um sorriso triste o do pintor.

– Mas se lhe pago bem, quero uma pintura ao meu jeito, como se fosse eu a pintar, se tivesse tempo para isso.

O pintor voltou a sorrir tristemente.

– Primeiro quero que ponha no quadro muitas nuvens – comandou o senhor muito rico. – Quero nuvens cinzentas, cor-de-rosa, brancas... enfim, nuvens... Há-de pintar, depois, uns pássaros a voar no céu, mas essa parte da composição fica ao seu cuidado. Por agora, à minha conta, quero as nuvens.

O pintor obedeceu.

– Agora quero, deixe-me pensar... Quero uma montanha com uma casa, ao cimo, ou melhor, um palácio, um enorme palácio, encarrapitado na montanha... Exactamente. Fica bem assim.

O senhor muito rico estava satisfeito com a sua obra. O pintor, nem por isso.

– Agora, deixe-me ver, apetecia-me um barco, ou melhor, um vapor, ou melhor, um iate, um magnífico iate...

– Mas não há mar – lembrou o pintor.

– Pinte-o, ora essa! Isso é um pormenor da sua responsabilidade.

Entretanto, tocaram ao telefone para o senhor muito rico. Era o secretário a recordar-lhe que tinha de presidir a uma reunião importantíssima, numa das várias empresas de que o senhor rico era presidente.

– Vou interromper a sessão de pintura – disse o senhor muito rico. – Mas, praticamente, o quadro está no fim. Vá pintando o mar, porque, quando eu vier, quero ver o efeito.

E o senhor muito rico virou costas ao quadro e abandonou o salão.

Ficou o pintor sozinho a pintar o mar. Esmerou-se no seu trabalho.

Passado horas, o senhor muito rico regressou. Foi logo direito ao quadro:

– Que disparate de mar é este? Quem lhe mandou pintar estes peixes?

– O mar tem peixes – esclareceu o pintor, sorrindo.

Já não era um sorriso triste o do pintor.

– Mas aqui há peixes a mais. Quase não deixam o meu iate prosseguir viagem. Atravancam tudo.

– É um grande cardume. Uma multidão de peixes miúdos: sardinhas, carapaus, cachuchos... – explicou o pintor.

Mas o senhor muito rico já estava com os olhos noutra ponto do quadro:

– Estes pássaros, donde vêm?

– Foi o senhor que mandou.

– Mas não mandei pintar tantos. Estes pássaros todos tapam as minhas nuvens, ensombram o meu palácio, tiram-me o ar, caramba.

– São bandos maciços de pássaros, que decidiram voar juntos – explicou o pintor. – Andorinhas, pardais, pombos, rolas...

O senhor muito rico não o ouvia. Uma outra particularidade do quadro chamara-lhe a atenção:

– Oiça lá, seu pintor, não lhe parece que esta parede do palácio está um bocadinho estalada?

O pintor, sorrindo abertamente, elogiou o senhor muito rico:

– A sua observação é extremamente oportuna. Se a parede está assim, um tanto rachada, mais real se torna e melhor se destaca a grandiosidade do conjunto.

– E o meu iate não está um bocadinho a descair para um lado? – estranhou o senhor muito rico.

– Também foi de propósito – respondeu o pintor. – Adornei sensivelmente o barco para defender o realismo e a beleza da cena.

O senhor muito rico ainda espreitou, em bicos de pés, para um outro pormenor do quadro, mas já não tinha mais nada a dizer. Por isso pagou ao pintor e foi à sua vida. O pintor também.

O quadro, esse nunca o expôs na sala a que o tinha destinado.

Muitos anos depois, foram encontrar o quadro numa arrecadação do escritório do senhor muito rico. Estava virado para a parede, cheio de pó e tão abandonado, que parecia muito mais antigo do que era na realidade.

Quem o conhecera, acabado de pintar, achou-o diferente. O palácio, no alto da montanha, estava em ruínas. Servia de poiso e abrigo aos pássaros, que há volta dele continuavam a voar. Pelo seu lado, o iate tinha ido ao fundo. Distinguiam-se os peixes, que nadavam livremente pelo meio dos destroços do barco, coberto de lodo.

Era um quadro estranho, mas de uma grande beleza. Chamaram o pintor já muito velho e mostraram-lhe o quadro. Ele, vendo o quadro que em jovem pintara, e que tão diferente já estava, limitou-se a sorrir. Não era um sorriso triste. Não era, realmente, um sorriso nada triste o do pintor.

FIM